

### NOTÍCIAS ZECA DIRCEU

# José Dirceu: Eleição se ganha na campanha

25/03/2022



O cenário eleitoral a praticamente 6 meses das eleições é o da disputa entre Lula e Bolsonaro. As candidaturas das diferentes forças políticas e partidos da direita liberal, que se opõem a Bolsonaro mas não ao seu programa econômico, fracassam dia a dia. As razões são muitas: pagam um preço pelo golpe, pelo apoio à Lava Jato e aos processos políticos, sumários e de exceção que levaram à condenação e prisão de Lula, pelo fracasso retumbante das chamadas reformas de Temer e Bolsonaro que levaram o país à atual crise social e econômica.

Seus líderes foram dizimados. O PSDB teve quase todos seus ex-governadores presos ou investigados pela Lava Jato; e no MDB, além da prisão de Temer, vários de seus ex-ministros e líderes foram investigados. O fracasso do trio DEM (ex-PFL), MDB e PSDB não pode ser subestimado: está expresso na fusão do DEM com o PSL e nas dificuldades extremas de seus pré-candidatos à presidência da República e mesmo de seus candidatos à Câmara e ao Senado.

A disputa entre Lula e Bolsonaro não se trata de uma polarização nefasta e perigosa como vende certa mídia e mesmo os partidos da dita 3ª via. Mas da realidade e dos caminhos que projetos que se apresentam ao país com apoio de bases sociais e eleitorais que se formaram nos últimos 40 anos.

O fato é que a direita dita democrática renunciou primeiro à agenda social, depois, ao apoiar o golpe à agenda democrática e ao apoiar Bolsonaro, à sua própria identidade política, criando condições para a extrema-direita bolsonarista hegemonizar seu eleitorado e impor sua agenda obscurantista, negacionista e autoritária.

As esquerdas brasileiras, ao contrário, se mantiveram firmes na defesa da democracia e do pacto social e político de 1988. Se opuseram a Bolsonaro e à continuidade do programa neoliberal, à austeridade, iniciadas com a Ponte do Futuro de Temer, que abriu caminho ao golpismo.

Devemos sempre lembrar que nosso Brasil e seu povo têm memória e não se esquecem dos governos que ficaram a seu lado. Em 1974, em plena ditadura militar, o povo votou no MDB e depois lhe deu maioria na Câmara e no Senado; em 1986 e em 1989 deu a Lula, Brizola e Covas 45% de votos no 1º turno e repetiu essa votação em 2018 dando a Haddad, Ciro e Boulos 42%. Bolsonaro obteve 46% de votos, revelando o fracasso das candidaturas do PSDB, MDB, Novo e Rede.

Não foi o eleitorado progressista, nacionalista e de esquerda que abandonou seus apoiadores e partidos, mas o da centro-direita que optou por Bolsonaro, em grande parte graças à omissão, quando não apoio, de seus líderes e partidos.

Os programas, as visões do mundo e da vida e a compreensão do papel do Brasil no mundo atual dividem os eleitores e partidos. As classes sociais e seus interesses se expressam também no voto e na opção por Lula ou Bolsonaro.

A memória e o legado dos governos Lula e Dilma, a direção de Lula e o papel do PT, do PDT, PSB, PCdoB e das lutas pelas diretas, pela Constituinte, pela defesa da democracia, pelos direitos sociais e políticos dos trabalhadores contam e muito. Como contam para Bolsonaro os interesses do agronegócio e do capital financeiro, sua ideologia conservadora, seu fundamentalismo religioso, seu negacionismo, seu obscurantismo e mesmo seu autoritarismo.

A linha divisória fundamental é a questão da soberania nacional e da política externa brasileira autônoma, defendida por Lula, e a submissão de nossa política externa, seja aos Estados Unidos, seja à direita e ao conservadorismo mundial, expresso por Trump, como quer o bolsonarismo.

De um lado temos as esquerdas que sempre defenderam a ciência, a educação, a cultura, o meio ambiente, e nunca vacilaram na defesa da democracia. Da mesma forma, valorizam o papel do Estado na formulação do modelo de desenvolvimento econômico e defendem como urgente e necessária a desconcentração de renda e riqueza no Brasil.

A chamada polarização, na verdade, é a opção entre 2 caminhos e a ausência da direita ou da centro-direita na disputa se deve única e exclusivamente a seus erros e suas opções no passado recente.

As pesquisas indicam a ida de Lula e Bolsonaro para o 2º turno, com a vitória de Lula. Este pode até ganhar no 1º turno em 2 de outubro, o que é pouco provável, mas não impossível. Porém, é durante a campanha e na disputa política e eleitoral que se ganha ou se perde a eleição.

Não se pode subestimar Bolsonaro por razões óbvias: tem 25% de votos firmes, o governo federal e vários Estaduais, bancadas de deputados e vereadores, prefeitos, 3 partidos nacionais (PP, PL, Republicanos) com amplos poderes no governo e no Congresso, com uso e abuso do Orçamento e da máquina pública. A isso se soma o uso das redes sociais e o recurso maciço de fake news. Sem falar no apoio evangélico, que já não é mais tão majoritário como na eleição de 2018.

O voto do eleitorado anti-Bolsonaro ou do eleitorado democrático não pode ser subestimado e poderá ser decisivo na vitória de um ou outro candidato. Parte desse eleitorado hoje está com os candidatos da chamada 3ª via ou com Ciro Gomes. A aliança com o PSB e com Geraldo Alckmin, a federação entre o PT, o PCdoB e o PV, o apoio do Psol e da Rede são mais do que necessários; indicam nossa disposição de consolidar nosso eleitorado histórico e disputar o chamado centro democrático.

Contudo, a questão decisiva é a campanha eleitoral e a formação dos palanques estaduais necessários para vencer nos Estados que governamos, e derrotar Bolsonaro nos Estados que governam. Buscando apoio de deputados, vereadores, prefeitos e mesmo governadores que apoiaram Bolsonaro em 2018 e hoje se dispõem a apoiar Lula ou a ficar neutros.

A guerra da Ucrânia e suas consequências nos alertam para o imprevisível nas campanhas eleitorais e para as mudanças na conjuntura social e econômica. As ações eleitoreiras mas reais do governo nas últimas semanas e a retomada dos ataques às urnas eletrônicas e às instituições –TSE e STF–, o uso das redes e das fake news são sinais claros de como será a campanha propriamente dita.

O fato é que se vence ou se perde uma eleição nas campanhas, com erros e incompreensão de ações do governo ou de fatos novos, na nossa capacidade de comunicação e mobilização de nossos apoiadores, bases sociais e eleitorais, nas alianças e palanques estaduais, nas chapas de candidatos, na nossa unidade ou divisão.

Sobretudo, é importante a mensagem do que propomos para o futuro de nosso povo e do Brasil; se somos capazes de encantar e mobilizar a maioria do nosso povo trabalhador, de unir o país para retomar seu caminho democrático; o diálogo; o consenso progressivo; fazer as mudanças necessárias para retomar nosso papel no mundo; e, principalmente, o crescimento econômico com distribuição de renda e justiça social.

Fonte: Poder 360